Primaveras

Era o primeiro dia da primavera. Eu estava completando sessenta e nove anos, a mesma idade de Luiz Paulo na época em que nos conhecemos. Longa estrada a minha, iniciada com a Segunda Guerra. Entrei na sala de aula, improvisada na paróquia de Nossa Senhora de Copacabana. À minha frente, vinte rostos cansados, porém vivos, rugas de sessenta a oitenta anos. Eram mais altivos do que meu filho sempre foi, desde cedo se mantendo à sombra de Ricardo, o pai.

Ainda haveria um mês de aula, mas, naqueles cinco meses, meus alunos já haviam conseguido unir letras, antes hieróglifos, em palavras soltas, e depois, num átimo de percepção, em pequenas frases.

Ninguém fez comentário algum sobre meu aniversário. Na hora dos exercícios eu ouvia o burburinho da troca de ideias entre colegas de sala. Esperei em minha mesa, na paciência de quem dá espaço. Pensamentos dolorosos se abeiraram de uma rotina que parecia novamente perfeita. Fitei a cadeira à minha frente, onde tantas vezes vi Luiz Paulo sentado. Em minha mente, ainda o via ali, vencendo os primeiros rabiscos. Seu lugar era então ocupado por Maria Lúcia, a caçula da turma, que me sorria trazendo de volta um tempo que não havia como esquecer.

Palavras ensinadas, sorrisos em pagamento, e um dia Luiz Paulo foi o último a sair de sala. Era o aluno mais esforçado. Queria tirar uma dúvida, me disse. Gaiato, desejava saber como se escrevia Helena, a sua

beleza me enlaça. Surpresa, não respondi. Suas mãos não tremeram, e com meus dedos entre os seus, declarou-se encantado por mim. Ele nunca chegou a dizer que me amava. No tanto que relembrava a falecida esposa, me sobrava imaginá-la como a única digna de ouvi-lo. Eu é que me apaixonei por sua verve poética, mais fluente do que sua escrita. Luiz Paulo ainda trabalhava como jardineiro, para não sucumbir à escassez trazida pela aposentadoria. Morava na subida do Morro dos Cabritos, separado, pelo túnel, do meu apartamento na Santa Clara. A proximidade facilitou as idas ao cinema, ou à orla, para tomarmos água de coco.

Nossas histórias se cruzaram quando minha rotina se deixava atrair pelos influxos da estabilidade, mesmo longe de meu filho, que eu não via há dez anos. Mudara-se para o Canadá logo depois de terminado o inventário do pai. Ricardo, além da pensão de ex-militar, não me deixou nenhuma herança de valia, nem mesmo o carinho do filho. Pelo menos o teto, eu conseguira herdar de mamãe.

A salvo dos quarenta anos do casamento arranjado por meu pai, também militar, eu não tinha mais nenhum vínculo de família, e mesmo assim estava feliz. Vangloriava-me de, enfim, prescindir de qualquer laço. As noites eram divididas entre as aulas de alfabetização, os romances lidos na *chaiselong* de minha sala, vazia e silenciosa, ou entre os filmes e os jogos de carteado. As amizades que conquistei depois de viúva eu agrupei de um jeito só meu. Há aquelas que são como a mansidão das sessões de cinema e teatro. Outras são imprevisíveis como as apostas no bingo. As melhores são as meninas-adrenalina, que me acompanham nos bailes dos finais de semana. Os ensaios de escola de samba, eu frequentava com as amigas "baianas-de-passarela". Uma vez quase aceitei desfilar pelo Salgueiro.

Desde que eu e Luiz Paulo começamos a namorar, passei a sair menos. Alternávamos em nossas casas os momentos de intimidade.

Ele adorava deitar no meu colo, enquanto eu lia, em voz alta, contos e poesias. Ouvia atento, mas sucumbia às frases difíceis, e acabava ressonando em minhas pernas. Quando íamos ao cinema, ele não gostava da companhia de minhas amigas, em sua opinião, maritacas em formação, tagarelando suas atividades senis. Não sabia dançar; me acompanhava aos bailes, mas ficava sentado com um copo de refrigerante que durava todos os boleros, soltinhos e salsas. Ele não demonstrava ciúme enquanto me via rodopiar em braços alheios, mas aos poucos deixei de frequentar os salões.

Depois de um ano juntos, Luiz Paulo me pediu em casamento. Não o do papel, mas aquele que junta as escovas de dente, as dores da idade e o carinho na troca de olhar. Lembro de ele ter dito que gostava muito de mim e de não ter mais saúde para ficar de casa em casa.

A felicidade prometida se emaranhou com as lembranças.

Eu, aos dezesseis, implorava a papai para não me obrigar a casar com Ricardo; para mim, um velho de trinta e seis anos. Eu avisando a meu marido que iria trabalhar, a bofetada, a primeira de muitas. O parto difícil, não haveria mais filhos. As humilhações nas festas, e na cama. A solidão entre estranhos dentro da minha própria casa. Livre, o dia da minha formatura no curso de Letras, aos sessenta e dois anos, a mascote da turma cheia de netos-postiços.

Sofri por dois dias, prazo que pedi para pensar. Foi debaixo de chuva forte, fitando a ressaca do mar, e abrigados sob uma marquise, que o tirei da minha vida. Aos poucos reencontrei as meninas, as sessões de bingo, os bailes, a liberdade tardia.

Oito estações se passaram, sem que eu tivesse reencontrado o frescor de antes.

Naquele aniversário eu fui trazida de minhas recordações pela algazarra da turma. Haviam preparado uma festa surpresa. Senti uma escassez de sentimentos, uma ausência nessa comemoração. Agradeci-

mentos, sorrisos, e saí dali assim que pude. Fui procurar Luiz Paulo
sobrinha, que eu vira somente duas vezes e não morava com ele,
abriu a porta. Entrei apenas com a aquiescência do seu olhar. Não
tei. Precisava aspirar o cheiro de nossos momentos que ainda imp
nava aquela sala. Fui até a estante, onde encontrei um porta-ret
com a foto que tiramos no dia dos namorados. Ali, naquele brevi
dez por quinze, a lentidão da idade estava obscurecida no carinh
nossos olhares. A quietude de mãos dadas num banco do calçadã
Copacabana.

Ele não está?, enfim perguntei. Ela negou, em silêncio. Dem
Ela engoliu com dificuldade. Tem três meses que meu tio faleceu. D
penquei no sofá, que só então percebi: não era mais a versão flo
puída na cintura das almofadas. Minhas lágrimas eram silenciosa
tempo nos ensina a moderar o pranto. Ela se afastou. Não sei qu
tempo demorou a voltar, sei que ainda estava escorrendo minha
dade, quando me entregou uma caixa de madeira, pintada à mão.
esperava que um dia a senhora viesse. Como foi?, sussurrei. Coraç

Em casa, passei horas acariciando a caixa. Adormeci abraçad
ela. Quando despertei, imaginando tudo um pesadelo, resolvi abri
Havia fotos, livros que lhe dera, e outros que ele comprara depo
uma folha com algumas linhas ao centro:

Nas pequenas lembranças,
o amor da sua voz macia.
Na saudade do seu rosto,
meu amor não declarado
se esvai em pingos de vida
que se juntam à espuma do mar.

Há seis meses não sinto mais vontade de dançar.